

**1. Comércio na praia:** O mar, na região central da vila, posteriormente cidade, alcançava o fundo das casas das Ruas Conselheiro Mafra e João Pinto. Na praia, abicavam canoas de diversos pontos da Ilha e do continente próximo. Era o ponto de convergência dos produtores e consumidores de farinha de mandioca, açúcar, feijão, milho e outros produtos da região. Africanos e crioulos, tanto escravizados quanto livres, destacavam-se entre os roceiros que traziam produtos para a cidade e também entre os que viviam de sua venda, fixa ou ambulante. **[Praça Fernando Machado, observar linha azul no chão que demarca antiga linha do mar]**

**2. Barraquinhas e o comércio de gêneros alimentícios:** No final do século XVIII, o comércio de gêneros se fazia em barraquinhas no Largo da Igreja Matriz e do Palácio do Governo. Eram frequentadas por pessoas de diversas condições sociais. Mais tarde, parte da população passou a expressar incômodo com os “ajuntamentos” que causavam, e a defender a construção de um mercado para abrigar e melhor controlar o comércio de gêneros alimentícios. Houve intenso debate sobre o local para esse mercado. **[Praça XV de Novembro e Praça Fernando Machado]**

**3. Porto:** O porto, no século XIX, era a comunicação de Desterro com o restante do Império e com outras partes do mundo. Por ele entravam e saíam produtos variados, sendo o principal a farinha de mandioca. Também circulavam pessoas, chegando e saindo, trabalhando nos navios e nos armazéns da região. Muitos escravos e libertos trabalhavam em atividades ligadas ao porto. O trapiche municipal localizava-se na praia do Largo da Matriz, próximo à Rua do Príncipe **[Praça Fernando Machado, ao lado da Rua Conselheiro Mafra]**

**4. Comércio na Rua Augusta:** Na Rua Augusta situava-se o comércio atacadista. Lá habitavam também algumas escravas quitandeiras. O jornal O Despertador anunciava, em 1865, a venda de uma escrava moça, crioula, que vendia quitandas, na Rua Augusta, n. 11. Em 1872, A Regeneração anunciava a venda de uma preta quitandeira, muito sadia e que também poderia ser alugada na casa de nº 13. **[Calçadão João Pinto, 30]**

**5. Visita do Imperador:** Em 1845, D. Pedro II visitou a Ilha. Nesta ocasião, as autoridades locais transferiram as barraquinhas do Largo para as imediações da Ponte do Vinagre. Após a partida do imperador, a elite política se dividiu entre os que defendiam a volta das barracas, chamados “barraquistas”, e os que se opunham, chamados “vinagristas”. **[Forte Santa Bárbara, em frente à Rua Antônio (Nico) Luz, 255]**

**6. Rio da Bulha:** O Rio da Bulha ou Rio da Fonte Grande é o mais famoso curso d'água de Desterro que hoje está canalizado sob o calçadão, no centro da avenida. O entorno do rio era ocupado por olarias, curtumes e tabernas, e habitado por pessoas de modestas condições, como soldados, varredores, marinheiros e lavadeiras. Entre eles havia libertos e escravos que viviam longe dos senhores. Durante o dia, as margens do rio eram ocupadas por muitas lavadeiras e também por criados, escravos e livres que buscavam água potável para as casas dos senhores. **[Parada: Av. Hercílio Luz, 301]**

**7. Praça de Mercado:** O primeiro Mercado foi inaugurado em 1851 e demolido em 1899. A concentração de atividades comerciais no seu interior

possibilitou maior controle sanitário e fiscal sobre o comércio de gêneros alimentícios. O regulamento interno determinava, entre outras coisas, que as casinhas só poderiam ser alugadas a pessoas livres, já enquanto os vãos entre as colunas do mercado poderiam ser alugados a escravos com autorização de seus senhores. A presença de homens e mulheres de origem africana no comércio de alimentos era uma característica marcante de Desterro. No ano de 1867, o vão da coluna nº 5 do Mercado era ocupado pela africana liberta Maria Mina. Em 1880, Cruz e Sousa trabalhou como caixeiro em uma loja de charque em seu interior. O comércio de alimentos, frescos e preparados, ocorria dentro e fora do Mercado. Um viajante apontou para a presença de uma “velha negra” vendendo feijoada com farinha no Largo da Matriz em 1853, e sabemos que havia “casas de pasto” no Mercado nas últimas décadas do século, indicando que o espaço havia se tornado local de encontro e confraternização da população. **[Praça Fernando Machado]**

**8. Casa de Câmara e Cadeia:** Inicialmente uma casa de pau a pique barreada, o edifício atual da Câmara foi finalizado em 1778, e desde então passou por diversas reformas. Além de abrigar a Câmara e a Cadeia, o prédio sediou Varas Judiciárias, o Tribunal do Júri, o Tribunal de Justiça, e o Paço da Assembleia Provincial no século XIX. Em todo Império português, a Câmara era o órgão responsável por controlar a qualidade, o preço e a forma de venda dos alimentos e por taxar essa atividade. Por isso, as quitandeiras e vendedoras ambulantes vinham à Câmara pagar licença para exercer legalmente a venda de alimentos e quitutes. **[Rua dos Ilhéus, 242]**

**9. Terreno e Quitanda de Francisco Quadros:** O liberto africano Francisco era conhecido como pombeiro. No início da década de 1850, arrendava dois terrenos na Rua da Paz, onde fazia plantação de alimentos e tinha um espaço coberto que servia como quitanda. Próxima dali, ficava a Fonte da Palhoça, uma das fontes para o abastecimento de água da cidade. **[Rua Jerônimo Coelho esquina com Vidal Ramos, local exato desconhecido]**

**10. Comércio na Rua do Príncipe:** Na Rua do Príncipe havia estabelecimentos comerciais de todo tipo. Nos sobrados, o piso térreo era reservado às lojas e o superior para residência. Em 1870, o jornal O Despertador anunciava a venda de uma quitandeira de meia idade, preta, no sobrado de nº 74. A presença dos escravos e libertos no cotidiano da rua era intensa, pois os caminhos próximos ao cais do porto eram lugares de trabalho e sobrevivência dessa população. **[Parada Rua Conselheiro Mafra, 141]**

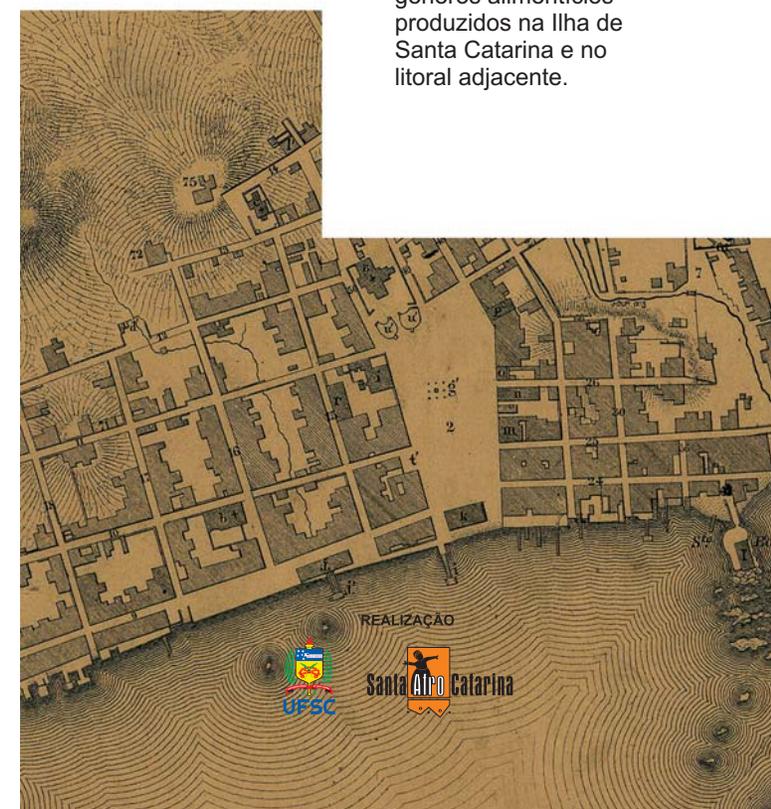
**11. Mercado Público:** A primeira ala do atual Mercado Público de Florianópolis foi construída entre 1896 e 1899. A segunda foi inaugurada em 1931. Embora sua inauguração seja posterior à abolição, seu regulamento interno era semelhante ao anterior, sendo que a palavra “escravo” foi trocada pela palavra “criado”. Além disso, passou-se a exigir que as casinhas fossem alugadas a “pessoas de bons costumes e morigeradas”. A tentativa de controle sobre o espaço e a política de exclusão de sujeitos considerados “indesejáveis” permaneceram, mas os indivíduos continuaram buscando sua sobrevivência por meio do comércio de gêneros alimentícios dentro e fora do Mercado. Durante muitos anos os moradores de Florianópolis compraram doces de tabuleiro de vendedores e vendedoras ambulantes. **[Rua Conselheiro Mafra, 225]**

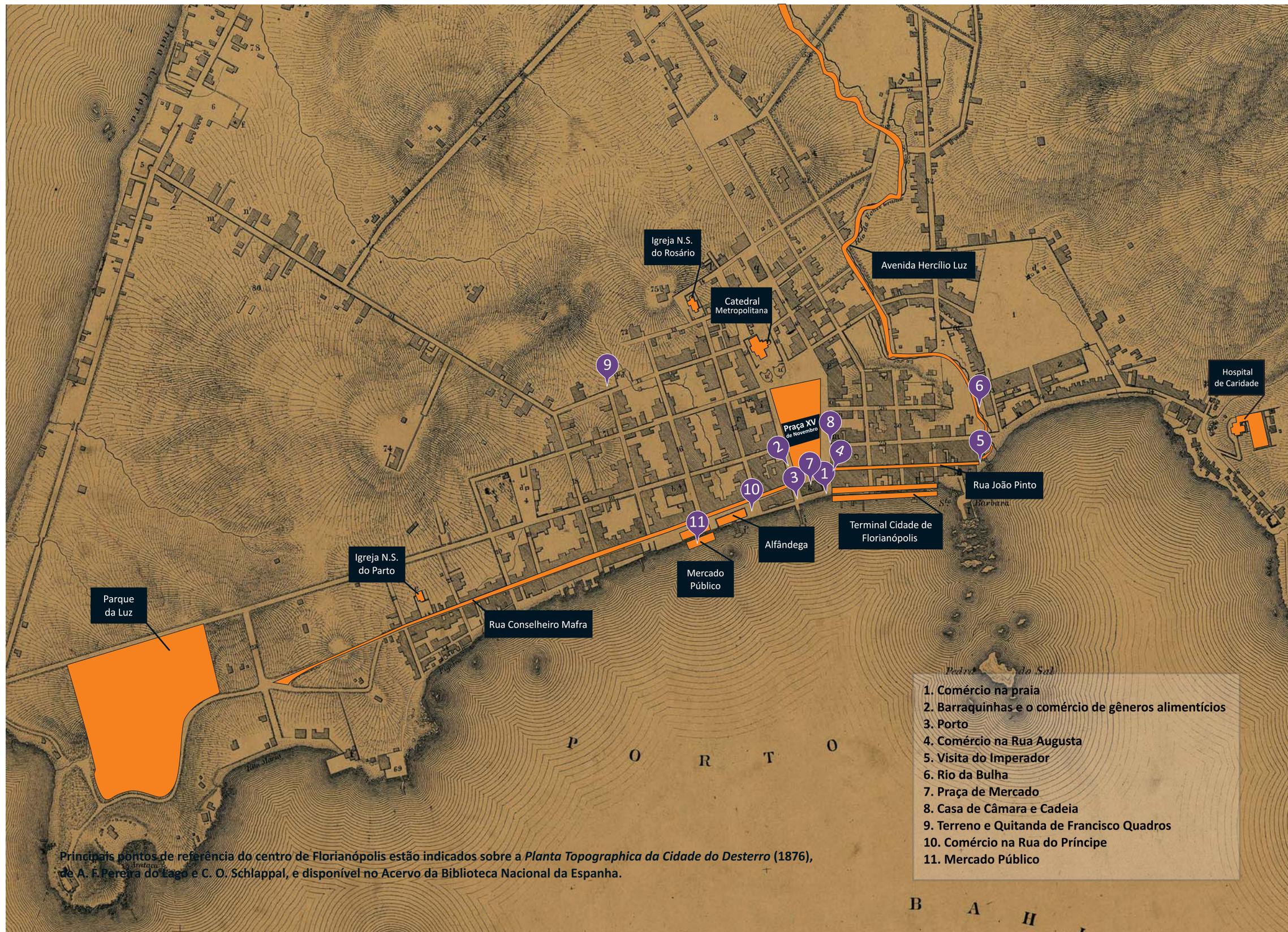
## ROTEIRO HISTÓRICO

<http://santaafrocatarina.blogspot.com.br>  
[santaafrocatarina@gmail.com](mailto:santaafrocatarina@gmail.com)

## Viver de quitandas

O roteiro histórico do Programa Santa Afro Catarina propõe percorrer, no Centro de Florianópolis, o espaço do antigo porto, do primeiro Mercado e as ruas da antiga Desterro, que eram local de trabalho e de sociabilidade para muitos escravos e libertos, homens e mulheres de origem africana que desempenhavam atividades relacionadas ao comércio de gêneros alimentícios produzidos na Ilha de Santa Catarina e no litoral adjacente.





1. Comércio na praia
2. Barraquinhas e o comércio de gêneros alimentícios
3. Porto
4. Comércio na Rua Augusta
5. Visita do Imperador
6. Rio da Bulha
7. Praça de Mercado
8. Casa de Câmara e Cadeia
9. Terreno e Quitanda de Francisco Quadros
10. Comércio na Rua do Príncipe
11. Mercado Público

Principais pontos de referência do centro de Florianópolis estão indicados sobre a *Planta Topographica da Cidade do Desterro* (1876), de A. F. Pereira do Lago e C. O. Schlappal, é disponível no Acervo da Biblioteca Nacional da Espanha.